

## RESUMOS DE TESES

PETTER, Margarida Maria Taddoni. Resumo da tese "*a construção do significado de fâni, 'pano e vestuário', em diulá*"\*

Este trabalho baseia-se numa pesquisa sobre o léxico de *fâni*, "pano e vestuário", em diulá<sup>1</sup>, realizada em Abidjan, e situa-se numa perspectiva interdisciplinar – semiótica, lingüística e antropológica – com o objetivo de avaliar em maior profundidade o universo de *fâni*, cuja significação é analisada em suas manifestações:

- a) na língua – pelo exame da organização léxico-semântica dos termos que nomeiam o vestuário;
- b) no mundo – pela observação de sua fabricação, de suas repercussões sociais e de sua significação simbólica;
- c) na fotografia – pelo estudo de sua representação visual.

Tendo em vista a ampliação dessa proposta, indica-se e analisa-se uma direção possível para essa investigação: partir da hipótese de que o léxico do vestuário não é uma lista de palavras, uma nomenclatura, mas um conjunto organizado lingüística e semanticamente – um campo léxico-semântico – que, pela articulação de seus elementos, manifesta a significação de *fâni*.

A aceitação do princípio de que há uma estruturação não lingüística de *fâni*, anterior à organização lingüística, levou a optar-se pelo estudo do léxico vestimentar a partir da observação da realidade.

Da análise etnográfica, depreenderam-se os pontos de vista organizadores desse léxico: tecido, confecção, traje, acessório e comercialização. Determinaram-se, então, os aspectos técnicos relativos ao vestuário, o universo simbólico em que está inserido e a prática social que o dinamiza. Definiu-se, nesse momento, o ponto de vista etnolingüístico, pelo reconhecimento de que o sentido é dado, primeiramente, pela prática social, pela cultura, pois, conforme

(\*) Tese de doutorado apresentada ao Departamento de Lingüística da FFLCH/USP, 1992.

(1) Diulá é uma das sessenta línguas faladas na Costa do Marfim, importante por seu uso veicular.

Benveniste, ela é "um sistema que distingue o que tem sentido do que não tem" (1963, p.22).

Apesar do caráter genérico dos pontos de vista elencados (tecido, confecção, traje, acessório e comercialização), a análise revelou para cada um desses itens uma organização própria, que identifica a indumentária para os Diulá. Assim, as duas espécies de tecido – o artesanal, feito em tear tradicional, e o moderno, produzido pelas indústrias têxteis locais e estrangeiras – por suas características, uso e significação simbólica representam um ponto de vista único, marcado socialmente, para o conceito "tecido". Da mesma forma, a originalidade do ponto de vista da comercialização reside no fato de constituir uma outra organização do "tecido industrializado". Ao nomear o pano de acordo com as tendências e acontecimentos do momento, fica evidente, além da necessidade de conferir existência a esse tecido pelo nome, o verdadeiro sentido da moda africana, que não se atualiza, como no mundo europeu, pela alteração de detalhes, mas pela renovação da padronagem dos tecidos.

Num primeiro momento, aborda-se o conjunto do universo africano, os valores que permitem identificar uma "africanidade" – síntese da grande diversidade sociocultural observada naquele continente (Leite, 1984). Simultaneamente, procura-se revelar, de forma diferenciada, como a sociedade Mandenka – complexo cultural que inclui os povos Banbará, Malenkê e Diulá – atualiza esses valores e qual sua incidência no vestuário. A seguir, examinando mais defidamente a oralidade dos povos Mandenka, procura-se contextualizar, nos textos da tradição oral já transcritos, o campo léxico-semântico do vestuário.

A análise da expressão lingüística demonstra como o plano da expressão verbal se articula ao plano do conteúdo. A unidade de significação do vestuário definiu-se como sendo basicamente compósita (Barthes, 1979): um suporte – *dèreke*, "bubu", e uma variante – *ba*, "derivativo aumentativo", através da qual o novo significado, "bubu longo e amplo", é introduzido, podendo-se estabelecer uma correlação entre forma da expressão e forma do conteúdo: -- um significado novo (longo e amplo) é manifestado pelo acréscimo do sufixo *ba*. São as variantes que dão a significação das unidades léxicas, pois é através delas que a práxis se introduz, por meio de variantes que indicam:

a) aspectos da confecção impregnados pelas apreciações positivas, reveladas pelos contextos em que o traje se apresenta, como *dèrekeba*, "bubu longo e amplo".

b) destinação do traje, como em *kénédenfani*, "traje de circuncisão", onde a variante "*Kénéden*", "criança circuncisa", evidencia o vínculo do traje com os processos iniciáticos da sociedade;

c) hábitos sociais, como o uso de *sàngawili*, "uniforme", em situações festivas, em que a variante *wili*, "propagar", demonstra o caráter comunitário da sociedade africana;

d) aspectos mágicos do vestuário, como em *sigidereke*, "camisa sagrada", em que a variante *sigi*, "consagrar", indica uma camisa mágica, graças ao poder profetor de seu amuletos.

A "imagem verbal", inteligível, do significado de *fâni* é completada pela "imagem plástica", visível, da fotografia de publicidade, que integra o vestuário no contexto dos meios de comunicação de massa. A análise do anúncio de Nescafé, pela força expressiva do sincretismo (linguagem verbal e linguagem plástica), oferece uma leitura da transformação do vestuário africano, não enquanto forma, mas enquanto dimensão simbólica. O sistema de significação de *fâni* aparece folclorizado no anúncio publicitário, que se utiliza do vestuário africano para criar uma ilusão de realidade, de africanidade, e impor o consumo de um produto.

O estudo do campo léxico-semântico de *fâni* revela uma práxis ainda impregnada pelos valores que identificam a comunidade diulá. A abertura representada pela absorção de termos franceses (resultantes da adoção de trajes importados ou de uma redenominação de trajes locais) é um índice da dinâmica social que reflete o contato de línguas e culturas, com papéis distintos na sociedade. Da mesma forma que o homem vestido à moda européia (no anúncio de Nescafé) conota a incorporação do elemento estrangeiro, os empréstimos caracterizam a aceitação do importado, pois a palavra se introduz no vocabulário do indivíduo com todas as conotações sociais que a fazem circular. Nesse sentido, a semiótica visual (sincretica, no anúncio) e a verbal manifestam a mudança da sociedade e do vestuário; a percepção diferenciada de seu significado decorre das características inerentes a cada forma de expressão.

O universo simbólico do pássaro *n'guma*, que remete à palavra, ao vestuário e à dança, sincretiza a função semiótica de *fâni*. O vestuário é palavra, linguagem, pois manifesta significados: uma identidade social e uma individualidade; é dança, pois, colado ao corpo, ganha vida pelos movimentos ritmados deste; enfim, é vestuário, plumagem, pela noção de adorno e proteção que lhe são iminentes. Em suma, o vestuário é o homem, o que ele quer informar como sendo ele.

### Referências bibliográficas

- BENVENISTE, Emile - *Problèmes de linguistique générale*, Paris, Gallimard, 1966.
- LEITE, Fábio - "Valores civilizatórios em sociedades negro-africanas", In: MOURÃO, Fernando A.A. (org.), *Introdução aos estudos sobre a África Contemporânea*, São Paulo, C.E.A., FFLCH-USP, Brasília - MRE, 1984. (mimeo)

SALAMI, Sikiru. *Ogum e a palavra da dor e do júbilo entre os yoruba\**.

O objetivo principal desta obra é apresentar aspectos específicos de algumas práticas sociais dos Yoruba, civilização negro africana originária da Nigéria, cuja manifestação concreta e formal é necessariamente acompanhada dos enunciados orais denominados Iremoje e Ijala respectivamente cânticos de dor e de júbilo inspirados em Ogun, o ferreiro celeste Yoruba e herói civilizador ligado crucialmente às propostas de domesticação e utilização da natureza para fins históricos. Iremoje e Ijala reportam-se indispensavelmente a Egbe-Ode, a sociedade de caçadores, ferreiros, forjeiros e demais profissionais que se dedicam a atividades características do perfil proposto por Ogun, na medida em que se constituem em reprodutores humanos das ações civilizadoras do herói o que envolve inclusive a questão do trabalho e das especializações profissionais e também em guardiões do conhecimento emanado daquele Orisa (divindade Yoruba).

Iremoje e Ijala, em suas formulações poéticas, dispõem sobre fatos aos quais a sociedade atribui importância notável em face da herança ancestral que produziu valores abrangentes emanados do tipo histórico firmado por Ogun, daí que seus enunciados referem-se, no nível de abstração que propõem, à problemática dos papéis sociais, da importância social dos indivíduos, do trabalho e das especializações profissionais, do nascimento, da individualização e qualificação da pessoa pela imposição de nomes, do casamento, da morte e configuração do ancestral, etc...

Iremoje e Ijala são cânticos cujo conjunto constitui um cruzamento de gêneros, por serem simultaneamente poemas, narrativas e orações, enunciados oralmente. Iremoje são declarações de dor cuja exteriorização formal é realizada em situações consideradas negativas para a sociedade e Ijala destina-se a expressar júbilo diante de fatos positivos. Importa realçar ainda uma vez que as ações praticadas pela sociedade diante dessas situações a fim de marcá-las e levá-las a efeito, não se completam sem a entoação dos cânticos, como por exemplo em rituais fúnebres de caçadores ou celebrações formais de nascimento. Ou seja, esses cânticos não se separam das práticas, constituindo-se na verdade em uma de suas dimensões.

(\*) Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, São Paulo, 1993.

Os dados de realidade referidos a práticas sociais específicas, os cânticos Ireroje e Ijala e outras formas de oralidade Yoruba que apresentamos no trabalho, foram obtidos pelo autor em pesquisas de campo realizadas na Nigéria durante nove viagens realizadas àquele país no período 1985/1992. Abrangem os grupos Egba, Ife, Oyo, Ijesa, Ibadan, Ijebu-Ode, Ilesa e Ilorin-Afonja, das regiões de Abeokuta, Ifé, Oyo, Osogbo, Ibadan, Ijebu-Ode, Ilesa e Ilorin. Além das pesquisas realizadas diretamente, obtivemos dados também junto a fontes consideradas unanimemente como de digna confiança na transmissão oral do conhecimento Yoruba. A obtenção do material empírico colhido pelo autor ocorreu portanto em ação – registros ao longo dos acontecimentos – e em relatos formais. Cabe deixar informado que as variações lingüísticas regionais ocorrem apenas em termos de pronúncia ou sotaque, mantendo entretanto o conteúdo e sendo perfeitamente acessíveis ao pesquisador.

O trabalho está dividido em seis capítulos. No primeiro apresentamos dados sobre a Nigéria e os Yoruba, incluindo algumas poucas indicações gerais e principalmente aspectos da organização social e política desses sudaneses, aspectos esses cuja especificidade deverá ser levada em conta pelo leitor no decorrer de todo o texto. O Capítulo II dispõe sobre a questão da palavra e da oralidade na África negra e entre os Yoruba, constituindo tentativa de indicar a importância desse assunto para o trabalho. O Capítulo III destina-se a examinar alguns aspectos de Ogun e da sociedade Egbe-Ode, o conjunto formando a fonte de conhecimento e difusão dos enunciados orais Ireroje e Ijala. Os capítulos IV e V apresentam, respectivamente, dados sobre situações sociais em que há obrigatoriamente declamações de cânticos de dor (Ireroje) e de alegria (Ijala), sem o que não se completam. Nos finais de cada um desses capítulos, apresentamos os "corpus" de Ireroje e Ijala que recolhemos em pesquisas de campo e que selecionamos para introduzir no texto, transcrevendo-os primeiro em língua Yoruba e depois em português. A tradução palavra a palavra dos cânticos em português asseverou-se tarefa de enormes dificuldades principalmente em face das características estruturais da língua Yoruba. Adotamos assim uma versão mais livre na forma mas que consideramos rigorosa no conteúdo. Finalmente, o Capítulo VI foi destinado à apresentação sucinta de algumas considerações finais.

Permitimo-nos dar alguma ênfase ao valor que possa ser atribuído à transcrição dos Ireroje e Ijala que introduzimos nos capítulos cabíveis. Em primeiro lugar, trata-se de tentativa de prosseguir na indicação de aspectos da oralidade Yoruba, como já dissemos, deixando-os registrados. Por outro lado, a intenção é a de, recorrentemente, oferecer ao meio brasileiro alguns elementos concretos de suas raízes negro-africanas, que integram uma dimensão da realidade de significativamente ignorada e discriminada.